

---

## A LINGÜÍSTICA NO ÂMBITO ACADÊMICO DO INTERIOR DO RS: A PROCURA DOS SENTIDOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DESTE SABER

Caroline Mallmann Schneiders (Iniciação Científica)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

O presente estudo está sendo desenvolvido junto ao projeto **Linguística no sul: estudo das idéias e organização da memória dos anos 80 a 2000**. Temos como interesse o processo da constituição do saber sobre a Linguística no âmbito acadêmico do interior do RS, em especial, no curso de Letras da URI (Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santo Ângelo). Para chegarmos a esse objetivo, possuímos como *corpus* de análise as disciplinas de Linguística do currículo do curso de Letras da instituição selecionada, buscando analisar os seguintes pontos: (i) como se deu a institucionalização da Linguística nesse contexto; (ii) quais pressupostos teóricos são abordados; (iii) quais sujeitos estão envolvidos, e (iiii) quais as regularidades e diferenças presentes. A análise por nós empreendida está partindo dos pressupostos teóricos da História das Idéias Linguísticas, estando vinculada ao viés da Análise de Discurso derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux. Embasamos nosso estudo nessas questões teórico-metodológicas, pois estamos tratando do saber construído sobre a língua em determinado momento e lugar, buscando a relação entre essa construção com a sua história, de modo que trazemos a AD justamente por esse saber se inserir entre o linguístico e o histórico, determinando os sentidos presentes na materialidade discursiva. Para este estudo, faz-se necessário mobilizar certas noções que a AD trata, referentes às condições de produção, à ideologia, e à historicidade, as quais acreditamos serem fundamentais para o desenvolvimento do nosso trabalho. Visando a essas questões, procuramos chegar à compreensão dos sentidos sobre a constituição da Linguística no interior do RS, trazendo, para nos auxiliar, teóricos que abordam em suas formulações tanto a questão da História das Idéias Linguísticas, quanto da Análise de Discurso de linha francesa, apoiando-nos principalmente, em Sylvain Auroux e Eni Orlandi no tocante a essas questões.

---

**Palavras-chave:** Lingüística; História das Idéias Lingüísticas; Rio Grande do Sul.

## **O LUGAR DO DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Daiane da Silva Delevati (Iniciação Científica)  
Verli Petri (Orientadora)

O presente trabalho visa a contribuir com a reflexão dos acadêmicos do Curso de Letras acerca do ensino de Língua Portuguesa em séries finais do ensino fundamental de uma escola pública de Santa Maria, onde se faz uso didático-pedagógico do dicionário em sala de aula. Nossa atenção recai sobre a presença/ausência do dicionário no ensino da língua; sobre o espaço que ele ganha ou não em sala de aula; bem como sobre seu funcionamento e possíveis relações estabelecidas entre língua escrita e falada, na interlocução de educandos e educadores. Trata-se de um trabalho de observação/revelação do funcionamento das relações entre referentes, designação e produção de sentidos no interior de um instrumento lingüístico da maior importância para o ensino de Língua Portuguesa. Procuramos, ainda, acenar com novas possibilidades de tomada do dicionário, a partir das quais ele passe a fazer parte da rotina da sala de aula de forma dinâmica, como um espaço polêmico de discussão na/sobre a língua. Esse trabalho se sustenta no aparato teórico da Análise do Discurso de escola francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux. A Análise do discurso (AD), desde a sua fundação, vem gerando discussões acerca de temáticas próprias à área da Lingüística Aplicada, da Metodologia e da Didática do Ensino de Línguas e nos seus entornos, por propor a mudança do objeto de análise, que sai do domínio frasal ou textual e passa para o domínio do discurso, propondo diferentes metodologias de análise. Nosso olhar se volta então para o dicionário, enquanto constitutivo do espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição, onde é possível, de acordo com José Horta Nunes, observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas. Prestamos, portanto, atenção no jogo de diferenças constitutivo da relação entre o que está posto no social da língua e o que está institucionalizado no

---

dicionário. A partir dessas reflexões, acreditamos estar dando um primeiro passo na direção da desmistificação do funcionamento do dicionário como detentor do saber sobre as palavras da língua para que ele passe a funcionar como mais um lugar de realização das relações entre sujeito e língua.

**Palavras-chave:** dicionário; ensino; língua.

## **LÍNGUA, SUJEITO E HISTÓRIA: O GAÚCHO NO PROCESSO DE DICIONARIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO/DO BRASIL**

Daiane Siveris (Iniciação Científica)  
Verli Petri (Orientadora)

O presente projeto visa a contribuir com a reflexão acerca da constituição/instituição de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história, via dicionários de Língua Portuguesa e de Regionalismos Gaúchos. Os dicionários, nesta pesquisa, são tomados como importantes instrumentos lingüísticos, a partir dos quais se pode resgatar traços da História das Idéias Lingüísticas no/do Brasil, revelando características próprias do sujeito que é gaúcho e que é brasileiro; que representa e é representado na e pela língua; um sujeito que conta sua história e vive sua cultura, estabelecendo relações com a produção/circulação dos sentidos, através dos tempos. Nosso recorte estabelece como lugar fundacional as publicações de dicionários/vocabulários/glossários produzidos no Brasil do século XIX, as quais manifestam seu objetivo de reunir designações e descrições próprias da Língua Portuguesa Brasileira. O mesmo será observado em detrimento aos dicionários/vocabulários/glossários regionalistas, que revelam as peculiaridades de uma língua que é o português do Brasil, nacional; mas que é gaúcha, portanto regional. Estabeleceremos as devidas relações entre os verbetes e as definições oriundas desses dicionários, buscando explicitar as aproximações/os distanciamentos, as reiterações/as alterações de sentidos, bem como o funcionamento do diferente no interior do mesmo. Nossa perspectiva teórico-metodológica segue os pressupostos da Análise de Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux e como vem sendo desenvolvida no Brasil nas

---

últimas décadas. Interessa-nos explicitar o processo discursivo que revela o dicionário como o lugar da completude da representação da língua, da certeza e da construção da memória de uma sociedade. Temos, assim, a possibilidade de explicitar como se dá a fundação do espaço da língua/cultura regional em relação à língua portuguesa, através do tempo.

**Palavras-chave:** Análise de discurso; dicionário; sujeito.

## **CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO DAS IDÉIAS NO SUL A PARTIR DAS REVISTAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DOS ANOS 80 DA UFRGS**

Maria Iraci Sousa Costa (Iniciação Científica)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

O presente estudo é originário do projeto **Lingüística no Sul: Estudo das Idéias e Organização da Memória dos anos 80 a 2000**, cuja autoria é da professora Amanda Scherer e no qual me proponho a responder à seguinte questão: a partir de quais pressupostos teóricos se baseia a Lingüística que é publicada na revista **Organon** da UFRGS a partir dos anos 80, como por exemplo, quem publica, o que se publica, qual a influência de tal revista para a constituição da História das Idéias Lingüísticas no Sul? Este trabalho tem como principal apoio teórico os estudos realizados por Eni Orlandi, pioneira na História das Idéias no Brasil, assim como os realizados por Sylvain Auroux.

**Palavras-chave:** História das Idéias; memória; discurso da ciência.

## **A CONSTITUIÇÃO DE IMAGENS DE SUJEITO GAÚCHO NA LÍNGUA E PELA HISTÓRIA: UM ESTUDO DOS DICIONÁRIOS DE REGIONALISMOS GAÚCHOS PRODUZIDOS NO SÉCULO XX**

Nina Rosa Licht Rodrigues (Iniciação Científica)  
Verli Petri (Orientadora)

---

O desenvolvimento do presente trabalho decorre a partir de resultados parciais obtidos no desenvolvimento do projeto intitulado **A constituição do sujeito gaúcho na língua e pela história: um estudo dos dicionários de regionalismos gaúchos produzidos no século XX**. Para tanto, utilizamos como *corpus* dicionários de Língua Portuguesa e de Regionalismo Gaúcho, que procuram investigar os efeitos de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito gaúcho na língua e pela história. O dicionário, no presente estudo, é visto por meio de uma perspectiva discursiva, a partir da qual questionamos a evidência dos sentidos, para mostrar seus processos históricos de constituição. A presente pesquisa visa a contribuir com a reflexão acerca da constituição/instituição de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito gaúcho, a sua língua e a sua história. Para tanto, os dicionários são tomados como importantes instrumentos lingüísticos, a partir dos quais se pode compreender o processo de institucionalização das diferentes imagens de sujeito gaúcho em dicionários regionalistas, revelando características próprias do sujeito que é gaúcho e que é brasileiro; que representa e é representado na e pela língua; um sujeito que conta sua história e vive sua cultura, estabelecendo relações com a produção/circulação dos sentidos, através dos tempos. Tais publicações manifestam seu objetivo de reunir designações e descrições próprias da Língua Portuguesa Brasileira, tal como se realiza nos regionalismos, que revelam as peculiaridades de uma língua que é o português do Brasil, nacional; mas que é gaúcha, portanto regional. Estabeleceremos as devidas relações entre os verbetes e as definições oriundas desses dicionários, buscando explicitar as aproximações/os distanciamentos, bem como o funcionamento do diferente no interior do mesmo. Nossa perspectiva teórico-metodológica segue os pressupostos da Análise de Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux e como vem sendo desenvolvida no Brasil nas últimas décadas.

**Palavras-chave:** dicionário; sujeito; história.

## **O PERCURSO DO SUJEITO PRODUZINDO CONHECIMENTO**

Juciele Pereira Dias (Mestranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

---

Em nossa pesquisa de mestrado, desenvolvida a partir do projeto intitulado **A movimentação do sujeito constituindo o discurso de uma ciência**, temos como pressupostos teórico-metodológicos a História das Idéias Lingüísticas a partir de uma interpretação materialista-discursiva, ambas instituídas em nosso país por Eni Orlandi. A partir disso, para o desenvolvimento do estudo, temos centrado nossas leituras sobre o processo de constituição, institucionalização e consolidação da ciência Lingüística no/do Brasil, o que tem feito com que voltemos nosso olhar para a movimentação científica do lingüista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. e que nos questionemos se temos, pela movimentação discursiva desse sujeito produzindo conhecimento de/sobre a Língua Portuguesa, a constituição de uma ciência Lingüística de autoria brasileira antes da resolução do Conselho Federal de Educação de 1962, quando foi instituído que a Lingüística passaria a ser disciplina obrigatória nos cursos de Letras. A Lingüística enquanto ciência teve seu início com a publicação póstuma da obra **Curso de Lingüística Geral**, de Ferdinand de Saussure. Este trabalho, resultante das anotações feitas por alunos ao longo do Curso do mestre genebrino, veio a fundar a ciência da língua no começo do século XX, porém a circulação (traduções e reedições) dessa obra foi um processo vagaroso que teve seu ponto culminante nos anos 60, década na qual temos a tradução dessa obra no Brasil. Nesse país da Língua Portuguesa, Joaquim Mattoso Câmara Jr. iniciou seus estudos em Lingüística por intermédio das aulas do professor francês George Millardet, em um curso de Filologia Latina e Neolatina, no ano de 1937. No Brasil, a Lingüística, nesse momento, não tinha um lugar no espaço acadêmico brasileiro, e Mattoso Câmara não possuía uma formação oficial em uma área de estudos em torno da língua. Ao mesmo tempo, porém, esse estudioso passou a constituir uma vasta publicação por intermédio de sua movimentação e circulação por diferentes áreas, como a Antropologia, a Literatura, a Filologia, Educação (ensino), etc. Tais espaços de saber já consolidados em nosso país possibilitaram que esse sujeito discursivizasse sobre línguas presentes no território brasileiro, de modo especial, sobre Língua Portuguesa. Sendo assim, na busca por uma reflexão em torno do processo de institucionalização e consolidação da ciência lingüística no Brasil, tomamos como objeto de nossa pesquisa títulos de obras de Mattoso Câmara, pelos quais objetivamos observar como este estudioso fala a partir de um 'não lugar', ainda não (re)conhecido no país, os estudos lingüísticos; e como esse sujeito,

---

pelo discurso, ao tentar constituir um lugar para uma ciência no Brasil, 'nomeia', 'renomeia', institui fronteiras (simbólicas) entre saberes, resiste a normatizações, que objetivam regular a circulação do saber, publica trabalhos a partir de lugares (empíricos) por vezes conflitantes em relação ao lugar que esse sujeito tem por formação acadêmica.

**Palavras-chave:** História das Idéias Lingüísticas; discurso; Mattoso Câmara; Língua Portuguesa.

## **DA ENCICLOPÉDIA IMPRESSA À WIKIPÉDIA: REFLEXÕES EM TORNO DA FORMULAÇÃO E DA CIRCULAÇÃO DAS 'COISAS-A-SABER'**

Larissa Scotta (Mestranda)

Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

O problema de pesquisa sobre o qual nos propomos a refletir em nossa dissertação tem como foco as 'coisas-a-saber' (cf. Pêcheux, 1997) que fazem parte das enciclopédias. Interessa-nos compreender, a partir do estabelecimento de diferenças entre suas versões impressa, em disco ótico e on-line colaborativa da Wikipédia, como as 'coisas-a-saber' são formuladas e significadas pelos sujeitos e como, conseqüentemente, há nas enciclopédias a produção de um efeito de completude dos saberes. Para desenvolver tal reflexão, temos lançado nosso gesto interpretativo em basicamente duas direções. Em um primeiro momento, buscamos apresentar uma leitura referente à idéia de completude que perpassa o instrumento tecnológico enciclopédia. Em um segundo, propomo-nos pensar acerca da Wikipédia e de suas implicações no que tange à configuração do mundo e dos saberes na sociedade atual. Com relação a essas duas reflexões, cabe destacar que: (1) Conforme entendemos, a enciclopédia, em seus diferentes formatos, coloca-se como herdeira da utopia lançada pela Biblioteca de Alexandria de conter em seu escopo 'todos' os saberes já formulados, isto é, haveria no projeto enciclopédico a busca pela totalização dos saberes. Ocorre que esta completude, em nossa concepção, só existiria enquanto um efeito ideológico, o qual funcionaria de um modo nas versões impressa e em Cd-Rom e Dvd-

---

Rom, e de outro na versão eletrônica da Wikipédia. Nestas primeiras versões, entendemos que é apresentada uma 'seleção' de 'coisas-a-saber' que, reunidas em um espaço circunscrito que é o dos volumes ou dos discos óticos, formam um 'todo', caracterizado não pelo fato de abarcar a totalidade dos saberes existentes, mas pelo fato de legitimar alguns destes saberes e de (tentar) estabilizar alguns sentidos. Nesse sentido, nessas versões seria construído discursivamente um fechamento (imaginário) dos sentidos, o que produziria o efeito ideológico de que aquelas 'coisas-a-saber' que estão presentes nas enciclopédias significam, de fato, a completude dos saberes. Já na versão da Wikipédia, este efeito funcionaria de modo distinto porque estaria sendo projetada a idéia, por parte de alguns sujeitos, de que é possível à Wikipédia abarcar 'numericamente' os saberes, como se a completude não fosse produto de um efeito, como ocorria com os outros formatos anteriores a ela, mas uma possibilidade real, viabilizada pela ilimitação, abertura e alcance mundial da rede mundial de computadores. Em outras palavras, uma vez que não há uma limitação espacial na Wikipédia, como havia nas outras versões, muitos sujeitos estariam concebendo ser possível à 'memória-maquínica' da Web disponibilizar não um conjunto de saberes legitimados e estabilizados, mas a totalidade 'numérica' destes saberes. O número de verbetes existente nesta versão eletrônica (em torno de 8 milhões, divididos em cerca de 250 línguas) concorre, conforme entendemos, para a produção desta utopia. Para nós, todavia, também aí está funcionando a ideologia, isto é, também na Wikipédia não há possibilidade de se chegar à completude que não seja de modo ilusório. Mas o modo como se produziria essa ilusão seria distinto. Nesta versão on-line, não seria a construção discursiva dos volumes ou dos discos óticos, mas, contrariamente, a abertura e a ilimitação do ciberespaço que projetaria a idéia de completude. Desse modo, a 'quantidade' de verbetes da Wikipédia, com seus links enviando um significante a outro como numa rede infinita, seria um dos fatores que produziriam o efeito de que não há saber algum que não esteja presente em seu escopo. (2) A Wikipédia, lançada em 2001 pelos americanos Larry Sanger e Jimmy Wales, cuja principal característica é a escrita colaborativa, instala uma nova forma de compreendermos a formulação e a circulação dos saberes em uma enciclopédia, uma vez que seu formato eletrônico e sua edição coletiva nos colocam, entre outros aspectos, diante de uma outra materialidade, de uma outra forma de autoria e,

---

conseqüentemente, diante de uma outra idéia do que é ou do que pode ser considerado ‘saber’ em uma enciclopédia, haja vista que inúmeros saberes que antes não faziam parte deste instrumento tecnológico, hoje o fazem na Wikipédia. Nesse sentido, a passagem de uma idéia de enciclopédia cujo conteúdo é fixado a partir da limitação espacial dos volumes ou da capacidade de memória dos discos óticos para esta versão fluida e virtual da Wikipédia, requer que pensemos nas condições de produção em que se produziam as enciclopédias (e as ‘coisas-a-saber’) antes da Wikipédia e em como isto ocorre na atualidade. Sob esta perspectiva, buscamos pensar em nosso trabalho a configuração do mundo tal como esta se apresenta hoje e suas implicações no que concerne à formulação e à circulação dos saberes nesta que é chamada por alguns de ‘sociedade da informação’ e por outros de ‘sociedade do conhecimento’, pautada, entre outros aspectos, pela ‘velocidade’, ‘fluidez’ (cf. Bauman, 2001) e ‘urgência do dizer’ (cf. Orlandi, 2007). Nossa pesquisa é desenvolvida no âmbito da História das Idéias Lingüísticas em cotejo com a teoria da Análise de Discurso de vertente francesa. Desta teoria, mobilizamos noções trabalhadas pelo teórico francês Pêcheux (1997, 1997a) e pelas pesquisadoras brasileiras Orlandi (2004, 2005, 2007), Dias (2004, 2005), Morello (2003), Pfeiffer, (2003), entre outros. Outrossim, uma vez que buscamos tratar de questões vinculadas à sociedade contemporânea e seus efeitos de sentido, ancoramo-nos também em autores como Bauman (2001), Lewkowicz et alli (2006), Lafontaine (2004), Serres (2003, 2005), entre outros.

**Palavras-chave:** ‘coisas-a-saber’; enciclopédia; Wikipédia.

### **SOBRE A LÍNGUA COMO UM PRODUTO DE MERCADO. COM A PALAVRA, O LINGÜISTA.**

Larissa Montagner Cervo (Mestranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Nosso estudo centra-se, especialmente, em torno da significação da língua como um bem mercado, o que problematizamos no/pelo funcionamento do discurso de divulgação científica. Interessamo-nos pela língua como um produto com o lançamento de revistas de

---

vulgarização do conhecimento, a *Língua Portuguesa* (Editora Segmento) e a *Discutindo Língua Portuguesa* (Editora Escala Educacional), periódicos pluridisciplinares e dirigidos a não-especialistas, para os quais se voltam com propósitos editoriais claros: respectivamente, uma questão empresarial, na oferta da informação para o desenvolvimento de organizações, em que pesem seus recursos humanos; e uma questão dita educativa, por meio de propostas de ação e formação didático-pedagógicas referendadas como diferenciais. Em ambas as revistas, atentamos para a participação de lingüistas exercendo a função-autor de artigos, o que pressupõe a esses sujeitos uma (re-)formulação vulgarizada do conhecimento em relação à sua prática de ciência e de ensino acadêmico. Desse modo, por meio de textos por eles escritos e veiculados em tais periódicos, perguntamo-nos como o sujeito lingüista se constitui nesta posição-sujeito outra, a de divulgador, considerando-a como inscrita em um espaço de tensão da prática da autoria e da mídia, via revistas, em relação aos sentidos que singularizam o discurso. Para nós, tal tensão significa, portanto, no limiar de diferentes ordens de saber – o escolar, o acadêmico e o científico, jogando com questões institucionais e gestos de interpretação e singularização do lingüista em relação ao saber e à própria constituição do discurso de divulgação científica, em cujo funcionamento estão pressupostos sentidos que se pretendem como outro modo de acesso do sujeito ao conhecimento. Em nada inovadora ou atual, essa questão de língua como bem de mercado, pelo viés do conhecimento lingüístico como demanda de saber, vem apenas ganhando notoriedade se pensarmos a sociedade de consumo, de vigência de paradigmas como o sucesso e a evolução, como também uma sociedade da informação. Assim, em nosso gesto de interpretação, a mercantilização só faz eclodir cada vez mais uma contradição inerente à própria língua - sua condição constitutiva para o sujeito e, ao mesmo tempo, sua relação enquanto conhecimento necessário e objeto real para o qual o sujeito busca clareza e transparência – no jogo com o que lhe é constitutivo: o não-todo, a falha, o desliz. Nessa direção, entendemos que são em meandros como os de busca de totalidade, de excesso de informação, de perspectivas de crescimento cumulativo do sujeito, portanto, também, de falhas suas e de instituições de ensino, que vai se constituindo o discurso de divulgação científica, propondo o conhecimento (sobre a língua) na forma da informação como uma instância, mediadora, porque pressupõe uma barreira entre o

---

conhecimento produzido como ciência e a escola; paliativa, porque pressupõe a compensação de faltas de instituições de ensino; e democrática, pela oferta do conhecimento didatizado a todos, apesar de estar aquém de uma meta de verdadeira formação (cf. Authier-Revuz, 1998). Em meio a isso, a participação dos lingüistas como autores de artigos para as revistas importa porque estamos frente a uma problemática que envolve a prática de um sujeito que ‘autoriza’ o conhecimento sobre a língua, seu objeto de conhecimento, integrando uma ‘onda editorial’ de re-significação da proposta democrática de acesso ao saber a todos, a qual se sustenta por demandas sócio-históricas e interesses mercadológicos, questionando e defrontando-se com os já legitimados lugares institucionais do conhecimento, como a escola e a universidade, desse modo, também com os instrumentos lingüísticos gramática e dicionário (cf. Auroux, 1992) e, por que não também, com manuais como o próprio livro didático enquanto tecnologia de ensino. É um circuito, portanto, constituído de todo modo de vestígios que remetem à problematização da própria prática do sujeito enquanto produtor do conhecimento, bem como, pelo viés do excesso da informação, de busca por uma língua cujo conhecimento lingüístico básico e escolar que lhe singulariza não seja falível e retenha diferenças. Nesse sentido, entendemos que nosso trabalho é permeado por noções especialmente políticas, quais sejam, de língua (cf. Orlandi, 2007) e de ciência (cf. Guimarães, 2003), as quais se fundem e significam, sobretudo, em políticas de dizer, para nós, práticas simbólicas e sócio-históricas de poder na/da linguagem que, no/pelo funcionamento do discurso de divulgação científica, resultam em sentidos que circulam no social constituindo as relações cotidianas do sujeito com o conhecimento e cujo processo de produção envolve a tensão entre os vestígios de cientificidade em conjunto com uma pedagogização, que pauperiza a língua e aponta-nos para o fato de que nem mesmo ela é imune ao sistema capitalista. Os pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa são os da Análise de Discurso de vertente francesa, em que pesem trabalhos de Michel Pêcheux (1995, 2002) e de autores brasileiros, como Orlandi (2001, 2007) e Mariani (2000), em cotejo com teóricos como Jacobi (2004), Guimarães (2003), Moirand (2000) e Authier-Revuz (1998), em relação às questões de mídia, de vulgarização do conhecimento e do discurso de divulgação científica.

---

**Palavras-chave:** discurso de divulgação científica; mercantilização da língua; lingüista.

## **DA MINHA LÍNGUA À LINGUA OUTRA: EFEITOS DE SENTIDO NAS DESIGNAÇÕES MATERNA E ESTRANGEIRA**

Marluza Terezinha da Rosa (Mestranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

As considerações que aqui trazemos concernem ao andamento da pesquisa que estamos desenvolvendo a partir de nosso projeto de dissertação, o qual tem como título **Da minha língua à língua outra: efeitos de sentido nas designações Materna e Estrangeira**. Por meio de tal pesquisa, visamos a refletir sobre a noção de língua, questionando as delimitações que usualmente são estabelecidas entre Língua Materna e Estrangeira, a fim de problematizarmos os efeitos de sentido que essas designações produzem em sujeitos expostos a diferentes línguas. Para que possamos ponderar sobre a problemática relacionada às designações pelas quais o sujeito define a língua supostamente sua, assim como a língua do outro, pelo viés dos estudos em análise de discurso, centramo-nos no dizer do sujeito pesquisador da linguagem que vivencia uma situação entre línguas e culturas. Acreditamos que, assim como qualquer sujeito que se desloca concebe a língua de uma perspectiva peculiar, o sujeito que assume a posição ‘pesquisador da linguagem’ deixa aflorar em seu discurso, por meio das designações que utiliza, o imaginário de língua que constitui sua subjetividade. Esse dizer consiste, em nosso entendimento, em um modo singular pelo qual a língua é conceituada, uma vez que é resultante da própria história do sujeito em sua relação com a língua. A fim de lançarmos um olhar analítico sobre os sentidos das predicções atribuídas à língua, constituídos a partir da posição-sujeito pesquisador da linguagem, buscamos observar, como fato desencadeador, o movimento dos sujeitos entre línguas e territórios. Partimos, inicialmente, da hipótese de que esse deslocamento exerceria influências no modo pelo qual esse sujeito definiria a noção de língua. Nessa direção, construímos o *corpus* de nossa pesquisa a partir da leitura de quatro pesquisadoras da linguagem, que possuem em comum não só esse

---

movimento, mas também o fato de serem professoras de língua(s) e de filiarem-se ao âmbito dos estudos discursivos. Outro aspecto, que levamos em consideração, concerne a esse pertencimento teórico dos sujeitos, cujas publicações constituem nosso objeto de estudo, pois acreditamos que tal pertencimento está relacionado à historicidade desses pesquisadores, ou seja, à sua relação com a língua na história. Entendemos, assim, que o assujeitamento a esses lugares de reflexão é significativo para a constituição do discurso desses sujeitos, bem como para a constituição dos sentidos relacionados ao dispositivo conceitual que permeia esse discurso, em especial a noção de língua. Considerando, ainda, que esse sujeito que produz um saber científico sobre a linguagem o faz também na e pela língua que o constitui, não podemos prescindir de abordar dois processos que se dão pela língua, via discurso. Estes dizem respeito à constituição do sujeito e à constituição dos sentidos. Quando tratamos de sujeito, observamos que este se constitui, não só por uma falta, mas também por uma busca pela completude. Essa vontade de ser inteiro é que o leva a se identificar com diversas formações discursivas e a assumir diferentes posições. Como sabemos, o sujeito em análise de discurso é posição entre outras, efeito do processo discursivo, e não origem deste. Sendo assim, concebemos o sujeito pesquisador da linguagem como uma posição, a qual se constitui discursivamente a partir de um lugar institucional, que legitima seu dizer, bem como a partir de um lugar teórico, que rege o âmbito do que pode e deve ser dito. Em outras palavras, que traça limites e estabelece possibilidades a esse dizer. Entendemos que, nesse caso, a concepção de língua, para significar, deve estar materialmente definida e inscrita na ordem do repetível, como forma de regularização. Tal inscrição do dizer em uma repetibilidade consiste em uma necessidade, visto que se faz imprescindível que o pesquisador ‘amarre’ os sentidos de sua concepção em uma exterioridade/anterioridade de dizeres sobre a língua. Quando mobilizamos a noção de memória, compreendida como interdiscurso, trazemos fundamentalmente a concepção de Orlandi (1996), para quem aquele se configura como uma trama de sentidos. Nesse universo discursivo de sentidos possíveis, entendemos que as designações se inscrevem, tendo seus sentidos ‘estabilizados’ na linearidade do dizer. Sendo assim, para que possamos compreender a constituição do sentido das designações que observamos, faz-se necessário considerar que o interdiscurso (plano vertical) se

---

relaciona com o intradiscurso (plano horizontal), ou seja, que a memória discursiva é (re)significada na linearidade do discurso. Desse modo, o domínio ao qual as designações estão associadas concerne tanto à horizontalidade do intradiscurso, visto que se relacionam ao que a contigüidade do dizer veicula, quanto à verticalidade do interdiscurso, onde se enlaçam outras designações (como, por exemplo, língua de origem, língua de adoção, línguas não maternas). Dentre as noções que constituem o arcabouço teórico de nosso estudo, a concepção de designação, tal como esta é formulada a partir do lugar dos estudos enunciativos, pode ser concebida como uma noção geradora. Entendemos que as designações, que aparentemente identificam o mesmo objeto (a língua), inscrevem-se em uma memória discursiva, a partir de sua regularidade, em diferentes lugares de produção de saber, consistindo em modos de representação, que estariam relacionados à construção de uma escrita da/sobre a língua. Desse modo, acreditamos que a heterogeneidade das designações inscreve-se como uma procura por apreender esse objeto língua em um todo formalizável; cada designação visando a dar conta da unidade da entidade a que se remete.

**Palavras-chave:** língua; designações; constituição de sentido(s).

## **ECOS DO POLÍTICO: RESISTÊNCIA DA LÍNGUA, NA LÍNGUA E POR ELA**

Rejane Maria Arce Vargas (Mestranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

O projeto de dissertação acima nomeado, em fase de conclusão, tem como temática norteadora a subjetividade na contemporaneidade atrelada a questões teórico-analíticas basilares em Análise de Discurso (AD): a interpelação, a individualização, a resistência e ou a singularização. Estes processos são pensados com referência a um *loco* tensionado pelo entrecruzamento de saberes discursivos articulados em torno de dizeres que instam à mobilização social e ao engajamento pró direito à moradia e demandas circunscritas a essa reivindicação. Essa tem sido a tônica dos discursos que se constituem na Comunidade Nova Santa Marta,

---

em Santa Maria (RS), antiga fazenda desapropriada pelo governo estadual na década de 70 e que desde 1991 vem passando por processo de ocupação. Esse cenário afigura-se privilegiado para problematizarmos o questionamento norteador desta pesquisa: Os mecanismos de resistência modificam a forma sujeito-histórica? Nesta perspectiva, o *corpus* é constituído por recortes de textos de adolescentes, alunos da Escola Marista Santa Marta, instituição escolar de orientação cristã-libertária, pioneira em se estabelecer na ocupação, e que empresta notoriedade e condições de profusão dos discursos formulados no lugar. Nomeamos um primeiro grupo de redações de ‘textos-ponte’, em razão da recorrência mais acentuada: em 26, do total de 30 textos, ‘ponte’ foi rememorada como conquista da qual os autores consideram-se partícipes. É destaque decisivo também nessas produções textuais a repetibilidade da designação ‘comunidade’, colocada em jogo com ‘eu’, ‘eles’ e ‘nós’, agentes de sentidos desencadeados por práticas em torno das nomeações: abaixo-assinado, protesto, passeata, manifestação, etc. Outrossim, esse conjunto de textos compõe grande parte dos recortes que empreendemos e, portanto, são o foco de nossa análise. Todavia, ao buscarmos o processo de ‘constituição’ desses dizeres, atrelado ao seu modo de ‘formulação’ e ‘circulação’ (cf. tríade proposta por Orlandi, 2005), prescindimos igualmente de materialidades textuais para estabelecermos as relações que dão conta da historicidade. Desse modo, também são objeto de nossa atenção um segundo grupo de textos que designamos ‘textos dos 15 anos’, em número de 40, que dão corpo à trajetória da ocupação pela voz de sujeitos do lugar, crianças que participaram dessa história ou estiveram muito próximas a sua constituição. Voltamos ainda nosso olhar para duas entrevistas com porta-voz do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, movimento social que liderou a primeira ocupação da fazenda e que continua atuante na mobilização da comunidade. Nesse exercício que visa dar corporeidade ao processo constitutivo dos discursos, apresentamos também excertos de um vídeo institucional da Escola e Centro Social Marista Santa Marta que vão nos possibilitar vislumbrar a relação contígua escola/comunidade. Por fim, reportamo-nos a fotos do bairro feitas pelos alunos, as quais objetivavam responder ao questionamento “Somos periferia?” e que nos proporcionam problematizar a designação ‘comunidade’, em cotejo com a noção de ‘periferia’, ambas analisadas por meio do par metáfora/metonímia (ao esteio de Jakobson, Pêcheux & Gadet, Orlandi e, na perspectiva filosófica, de Bauman, 2003). Sobretudo,

---

trazemos como princípio basilar em nossas reflexões o ‘projeto pecheutiano’ empreendido em **Semântica e Discurso** (1997), i.e., o desenvolvimento da noção de luta ideológica de classes, tendo em conta seu caráter pendular, de retificações e ratificações, de forma que, para nós, é fundamental a relação ‘sentido e práxis política’, esta que implica um movimento, uma prática de sentidos que intervém no real (cf. Orlandi, 2005), somada à interpretação de luta de classes ao modo de uma interrupção dos efeitos de uma ordem ‘natural’ de sentidos já instituída, vindo a configurar um ‘movimento contra-corrente’ que caracterizaria a ‘política’ em sua efetividade (cf. Rancière, 1996). Ademais, no momento histórico presente, de virtual e ascendente esgotamento dos Estados Nacionais, os sentidos, os discursos, os sujeitos precisam ser pensados em sua dimensão dispersa, sem centro, sem referências, em seu funcionamento, respeitante a uma instância fluida que, todavia aponta na direção de um devir.

**Palavras-chave:** singularização; língua; discurso.

## O DISCURSO DE APRESENTAÇÃO DAS GRAMÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI: LUGAR DE FUNCIONAMENTO DA POSIÇÃO-SUJEITO GRAMÁTICO

Scheila Patrícia de Borba Curry (Mestranda)  
Verli Petri (Orientadora)

Por meio do presente estudo, objetivamos observar e compreender o funcionamento da posição-sujeito gramático em duas gramáticas da Língua Portuguesa: Domingos Cegalla, **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** (2005); e Mauro Ferreira, **Aprender e Praticar** (1992). Para tanto, utilizaremos, pelos pressupostos da Análise de Discurso, os conceitos das categorias discursivas, como sujeito, posição-sujeito, língua, entre outros. Do interior da gramática, destacaremos os textos de *Apresentação*, buscando observar a constituição de posições-sujeito que o gramático toma ao produzir o conhecimento sobre a língua. Nossa perspectiva teórico-analítica é a da Análise de Discurso (AD), considerando, conforme pontua Eni Orlandi, que o sujeito assume determinada posição no dizer para

---

poder constituir-se. Esse sujeito, então, pode ser entendido como a própria manifestação da ideologia; é ela quem o 'constrói' e que, portanto, presentifica-se na existência e na formulação do dizer. Permeado por essa ideologia, passa então a se confrontar com a linguagem, a fim de fazer emergir sentidos, os quais se 'abrigam' na língua e por ela manifestam-se nos discursos sociais, a partir de diferentes posições-sujeito. Nessa perspectiva então funciona a Análise de Discurso de linha francesa, a qual faz um trabalho de desconstruir/reconstruir o processo de constituição dos sentidos no discurso, em especial, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, na França, e de Eni Orlandi, no Brasil. Sob este ponto de vista, acreditamos que, na materialidade lingüística da gramática, encontraremos um sujeito gramático ocupando uma posição afetada ideologicamente pela história. Nesse instrumento lingüístico, há não só a marcação do lugar e do sujeito brasileiro, mas principalmente a constituição de uma base científica que estabelecesse a língua brasileira como tal. Assim a gramática, pelo tempo, assume um valor político que rege as relações dos sujeitos com a língua, com o saber. Nessa perspectiva, ela determina as regras do bem dizer, as quais resumem sua utilidade até os dias de hoje. Mas o estudo da gramática, pela ótica discursiva, procura compreender não somente as regras que norteiam o estudo da língua, mas conceitos que a constituem. Entre eles estão as noções de sujeito, língua, sentido, ideologia, entre outras, que questionam sua institucionalização e seu funcionamento enquanto materialidade lingüístico-discursiva. Assim, pela Análise de Discurso de vertente francesa, refletiremos acerca da gramática, privilegiando aspectos até então pouco considerados. Em termos de metodologia de trabalho, ao deslocarmos o olhar das regras propriamente ditas para a categoria discursiva da posição-sujeito gramático, percebemos que de forma mais ou menos consciente é que ocorrem as escolhas discursivas que norteiam a descrição da língua. Dessa forma, procuramos observar o sujeito nas gramáticas, buscando nele sua posição essencialmente normativa, resultante de fatores históricos, como a necessidade de manter o padrão culto da língua que ajudou a instituir a nação e a força ideológica regente do período militar, a qual modalizava o que poderia ou não ser dito e agora dá continuidade, reproduzindo esse já-dito. É a partir desse funcionamento que olharemos a gramática: um discurso afetado ideologicamente por uma posição-sujeito, interpelada por outros discursos, e que assim busca refletir sobre a língua, atrelando valores e considerações sobre as regras que

---

regem o sistema lingüístico. Assim, ancorados pelos pressupostos pecheutianos, refletiremos sobre o sujeito na gramática, considerando que ele não é origem do dizer. O conhecimento produzido não é novo. Há sempre um trabalho da história e da memória que acionam sentidos, os quais vêm para se colocarem à disposição de quem diz. Há na memória um apagamento do que é dito, para que o dizer re-signifique em novas palavras. Compreender os sentidos que a gramática propõe é se fazer voltar para a posição-sujeito que formula seu funcionamento. Essa posição, a qual identificamos como posição-sujeito gramático, é afetada por um processo histórico determinante de seu dizer e, por isso, norteia suas escolhas discursivas, que são refletidas na materialidade lingüística com a qual trabalha.

**Palavras-chave:** posição-sujeito; língua; discurso.

## **POR UMA HISTÓRIA DA ANÁLISE DE DISCURSO NO RS: FUNDAÇÃO, PERCURSO E PERSPECTIVAS**

Taís da Silva Martins (Mestranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Nosso trabalho está inserido na linha de pesquisa intitulada **Língua, sujeito e história**. Trabalhamos com a perspectiva da História das Idéias Lingüísticas (HIL) e, em nossa dissertação, estamos levantando dados e fatos referentes à fundação, ao percurso e a perspectivas dos estudos de Análise de Discurso no Rio Grande do Sul. Buscamos entender o processo de institucionalização da Análise de Discurso (AD) nos Cursos de Pós-graduação em Letras do Estado do Rio Grande do Sul, a saber, quais foram os teóricos e os conceitos abordados inicialmente. A fim de elaborarmos um panorama desses estudos, temos realizado um mapeamento, elencando os pesquisadores que trabalham AD no RS, em quais instituições atuam e qual sua formação. Buscamos conhecer este processo, pois entendemos que é por meio desta institucionalização que a AD insere-se na produção do saber acadêmico, ganhando espaço a partir da divulgação e circulação de trabalhos e pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação, afinal, conforme Lagazzi

---

Rodrigues (2007, p.17), “a cientificidade (se faz) (n)um lugar institucional. A cientificidade e a representação dessa cientificidade”. Dessa forma, para conhecermos a história da AD no RS, buscamos como suporte à nossa pesquisa os dados e fatos referentes à institucionalização dessa disciplina nos Programas de Pós-graduação em Letras da PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois essas duas instituições são as primeiras a institucionalizar a AD como disciplina em suas grades curriculares. Entendemos também que a reprodução do objeto do conhecimento para objeto de estudo está relacionada não só a um sistema de ensino caracterizado pela instituição, pelos programas, pelas orientações pedagógicas, pelos instrumentos de ensino, por políticas de ensino e pela administração, mas também pelo lugar institucional do sujeito-professor. Assim, as escolhas teóricas e as variações na forma em que determinado conceito é abordado ocorrem porque os profissionais que ‘fazem’ a lingüística se acham individualizados pelas instituições as quais estão ligados. Segundo Guimarães (2004, p.15), o “conhecimento é produzido por práticas específicas de profissionais específicos”. Devemos considerar também que esses sujeitos são constituídos ideologicamente em condições específicas, uma vez que eles são “interpelados em sujeitos pela ideologia em um processo simbólico” (Orlandi, 1999, p.25). A prática profissional destes professores é influenciada tanto pela sua formação pessoal quanto pelas posições político-educacionais assumidas pelas instituições em que atuam. Com isso, observando esta relação entre a concepção de discurso enunciada dentro de determinada instituição e sua historicidade, podemos identificar a posição que determinado sujeito-professor assume na instituição a qual está vinculado. Para entendermos essa relação, consideramos que o sujeito do enunciado é determinado historicamente. Ressaltamos que não buscamos encontrar ‘esta ou aquela’ Análise de Discurso, ou ainda demarcar territórios, afirmar quem faz ou não AD. Para elaborarmos um panorama sob a perspectiva discursiva a fim de chegarmos à institucionalização da AD no RS, constituímos nosso arquivo por meio de dados provenientes dos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS (resumos de teses e dissertações, programas das disciplinas, diários de classe, entre outros), bem como de dados dos portais do CNPq e Capes. Inserimo-nos em uma perspectiva teórica que pode ser entendida ao modo de uma articulação da AD com a História das Idéias

---

Linguísticas, tal como formula José Horta Nunes ao afirmar que, “há uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL” (2007, p.03). O analista lança sobre seu *corpus* um olhar diferenciado do pesquisador que faz a historiografia da disciplina. Desse modo, procuramos, “além de elencar dados e fatos em uma ordem cronológica, ver a história como quem constrói um arquivo (Orlandi, 2002, p.11). E a história que buscamos com esta pesquisa é a história da institucionalização da disciplina de Análise de Discurso no Rio Grande de Sul.

**Palavras-chave:** Análise de discurso; História das Idéias Linguísticas; institucionalização.

### **A TRÍADE DISCURSO, PODER E MÍDIA: O SABER E O MOVIMENTO DOS SENTIDOS**

Caciane Souza de Medeiros (Doutoranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

A partir da concepção de que vivemos na sociedade da chamada indústria da informação e tecnologia, onde estão imersas a formação e a divulgação de conhecimento e dos produtos de entretenimento, constituídas em uma profusão de dizeres e imagens ditos mediados pela rede de comunicação multimídia, reconhecemos a necessidade de buscar nos estudos da linguagem, mais precisamente, na Análise de Discurso, os fundamentos de nossas primeiras reflexões sobre a tríade que instiga e move nosso interesse de pesquisa de doutorado: a relação discurso, poder e mídia. Mais precisamente, buscamos compreender como a mídia, em suas diferentes esferas de mediação, apropria-se e posiciona-se no lugar de meio de comunicação para produzir sentidos. Ao localizarmos a mídia em uma posição de poder: de informadora (divulgadora de conhecimento), ou seja, não o poder que vigia ou ameaça, mas o poder que determina a informação, estamos dispostos a analisar o leque que relaciona a nossa tríade temática, levando em consideração que o movimento dos sentidos se constitui em um processo discursivo. Nosso estudo objetiva tornar-se contínuo e ancorado na teoria da análise de discurso. Assim, entendemos que a AD fornece um instrumental teórico adequado para a realização de

---

uma leitura crítica dos produtos da mídia, ao considerar sua função social de comunicação e divulgação sem desconsiderar a consolidação da informação como produto de consumo inserido no sistema capitalista. Este instrumental permite observar como se dá a relação entre estes dois fatores (comunicação/divulgação e produto de consumo) e a maneira como os fatos, comportamentos e idéias são retratados (e, de certa forma, construídos) enquanto acontecimentos e produtos de entretenimento. Visto que é tido como efeito de sentidos entre locutores (Pêcheux, 1995) – e longe de cumprir apenas a função de transmissão de informações, o complexo processo de circulação de sentidos exhibe, principalmente, uma prática constitutiva de cunho social. Nosso dispositivo de análise tem como referência principal colocar o dito em relação com o não-dito, os dizeres dos sujeitos em diferentes lugares sem nos iludirmos em uma busca pelo sentido ‘verdadeiro’, mas sim percorrermos o caminho da interpretação, o real do sentido em sua materialidade lingüística, histórica e simbólica. Trabalhamos com os sentidos, em sua constituição, tendo como ponto de partida uma materialidade, os produtos de mídia, que serão analisados por nós levando em consideração o jogo das imagens e da correlação de forças presentes na formação social que inclui essa materialidade. Os sentidos das palavras não são estáticos. Eles se movimentam conforme a formulação em que as palavras estão postas e o lugar social ocupado pelo sujeito. A compreensão da produção e do modo de interpretação desses produtos de mídia refere que tencionamos analisá-la em sua materialidade e em seus mecanismos de funcionamento. Tal análise é resultante do conhecimento de que, para significar, a língua tem de se inscrever na história. Assim, a observação dos mecanismos de funcionamento textual formulados só pode ser considerada em uma leitura discursiva, pois partimos do texto para chegar ao discurso e, neste, podemos observar a relação entre a linguagem e a exterioridade, a historicidade. A incompletude do discurso e do sujeito possibilita a atribuição de sentidos. Ao pensar a língua na relação à exterioridade, estamos caminhando em uma busca que concebe o discurso em abertura com o simbólico, constituído em uma rede formada por um processo cultural, histórico e político de produção. Nosso estudo arredonda-se em uma esfera que entende o espaço de circulação de objetos de saber (conhecimento), nesse caso a mídia, como lugar ideológico de representação dos padrões sociais sobre os saberes constituídos. Dessa forma, entendemos que a produção e circulação do saber e o

---

movimento dos sentidos estão relacionados a uma discursividade regida por dizeres e sentidos já postos. Dentro do pensamento que conduz o projeto de pesquisa, acreditamos que as formas de comunicação na mídia podem assumir muitos significados (produzir muitos efeitos de sentido) dependendo da forma, da circunstância e também da informação que o enunciador quer passar para o destinatário. A partir da apresentação do tema de pesquisa, configura-se o corpo de um desejo de estudo que fixa suas bases nos estudos da linguagem e pretende conhecer, sob o ângulo proposto – o da análise do discurso, um pouco mais da relação do homem (ser social, histórico e ideológico) com os signos que compõem a sua fala para construir o seu discurso. Em face disso, nosso estudo trabalha em uma linha que relaciona a mídia (enquanto produtora de objetos de consumo comunicáveis) ao mercado (e suas relações de poder no seio social) e ao saber que é parte do seio social em seu jogo de forças. O mercado está sendo pensado por nós como mediador da necessidade de produção da informação na mídia para consumo do receptor, isto é, há uma determinação de mercado que orienta e limita a divulgação que se materializa na mídia. Consideramos que existe, na mídia, uma economia da informação (Bordieu, 2004). Se não há mais a necessidade de a mídia esconder-se no mito do espaço de veiculação de produtos e informações neutras e objetivas, há a de vigorar no papel do jornal como difusor dos modelos de sociabilidade – espaço de discussão das temáticas sociais, o saber e suas formas - e regulador do consumo. Estamos alinhados em uma idéia que considera a inexistência de uma verdade única (de um significado único e oculto) e dá lugar, então, a um jogo de perspectivas que dependerão dos lugares sociais ocupados por diferentes sujeitos, por diferentes dizeres. Dito de outra forma, as palavras ganham novos sentidos de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as utilizam. O sentido pode ser diverso, mas não será qualquer. Dentro do mesmo processo discursivo, nem sujeitos nem sentidos estão completos, constituídos em definitivo. Eles estão em movimento e esse movimento não é aleatório nem programado, já que depende da história e da ideologia, que estão envolvidas nesse processo. Estamos referindo que “é porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa” (Orlandi, 2003, p.37).

**Palavras-chave:** mídia; discurso; poder.

---

## HISTÓRIA DA ANÁLISE DE DISCURSO NO BRASIL

Isabel Cristina Ferreira Teixeira (Doutoranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Na pesquisa em andamento, tenho como objeto a elaboração de aspectos da história da Análise de Discurso (AD) no Brasil, com base na produção acadêmica de orientandos de Eni P. Orlandi. A autora tem se dedicado à história das idéias lingüísticas e da língua no Brasil, desde 1987, quando propõe, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o projeto **Discurso, Significação, Brasilidade**. Anos depois, a partir do contato com o Laboratório de História das Teorias Lingüísticas, coordenado por Sylvain Auroux, na Universidade de Paris VII, ela firma um acordo com o projeto **História das Idéias Lingüísticas no Brasil**, que tem mantido a especificidade de pensar a história do saber lingüístico em sua relação com a história da constituição da língua nacional. Atualmente, o projeto tem como tema específico Ética e Política das Línguas. Ao tratar do objeto ético e político, a autora, responsável pela introdução da Análise de Discurso no Brasil, tem configurado uma linha de investigação brasileira da disciplina e tem contribuído para sua elaboração teórica e metodológica. Das premissas da Análise de Discurso de orientação francesa, destacam-se a que supõe ser a exterioridade algo próprio da linguagem e de seu funcionamento e a que supõe ser o discurso objeto fundamental de seus estudos, um objeto lingüístico e histórico. Orlandi agrega a essas proposições duas outras: a formulação de que a questão do sentido diz respeito a uma tensão entre a polissemia (os muitos e sempre outros sentidos) e a paráfrase (o dizer o mesmo); a consideração de que o sentido não diz respeito ao segmental, mas a que o silêncio significa, e é isto que faz o sentido na linguagem (cf. Guimarães, 1997). Diante da relevância da Análise de Discurso para os estudos da linguagem de uma maneira geral e da contribuição de Orlandi na constituição de um saber sobre a língua e o conhecimento lingüístico, há a necessidade da constituição de um saber histórico sobre essa disciplina no Brasil, tarefa para a qual a pesquisa em desenvolvimento se propõe. O objetivo geral da pesquisa é, portanto, produzir um conjunto de fatos que permita uma abordagem histórica

---

da Análise de Discurso no Brasil, mostrando as questões teóricas que têm preocupado os analistas do discurso e que tiveram desenvolvimento próprio, bem como seus principais representantes. Para se chegar ao objetivo geral estabelecido, têm-se como objetivos específicos situar historicamente História das Idéias e Metalinguagem, tendo por base R. Chartier e S. Auroux; revisar a produção de M. Pêcheux que serve de base para a AD, com o propósito de verificar o quadro teórico a que se filiam os analistas do discurso no Brasil; revisar a produção de E.P.Orlandi, divulgadora conhecida e reconhecida da obra de M. Pêcheux, no sentido de identificar as principais linhas de investigação adotadas pela professora da UNICAMP, um dos principais núcleos da AD no Brasil; e relacionar seus orientandos, bem como as linhas de pesquisa e temas de suas teses, para compor, a partir das histórias individuais, aspectos da história da Análise de Discurso desenvolvida no Brasil. A tarefa de estudar a história da Análise de Discurso filia-se à intenção de constituir um pensamento sobre a linguagem no Brasil. Daí a escolha de dois aspectos relacionados a essa meta, na tentativa de dar conta de conhecimentos já constituídos sobre a linguagem no Brasil. Em primeiro lugar, apresento uma síntese do processo de gramatização no Brasil (cf. Guimarães, 1996), para dar conta do aparecimento da Lingüística, ciência precursora da linguagem; em segundo, retomo aspectos sobre os estudos do texto e do discurso apresentados por Barros (1999), enfocando de modo mais específico as informações acerca das tendências nos estudos em Análise de Discurso por ela identificados, escrita teórica que representa a existência de um percurso histórico já realizado pela Análise de Discurso no Brasil. Guimarães (1996) identifica quatro períodos históricos para dar conta do processo de gramatização no Brasil em *Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira*. O primeiro situa-se entre o período da descoberta até a primeira metade do século XIX, quando começam os debates entre portugueses e brasileiros acerca da legitimidade de determinadas construções lingüísticas utilizadas no Brasil e consideradas inadequadas sob a ótica dos escritores ou gramáticos portugueses. No segundo período, da segunda metade do século XIX até o final dos anos 30, destaca-se a fundação das Faculdades de Letras no Brasil: na USP, em 1937, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; em 1939, Faculdade Nacional de Letras da Universidade do Brasil. O terceiro período, final dos anos 30 até meados dos anos 60, é o da transformação da Lingüística em

---

disciplina obrigatória pelo Conselho Federal de Educação; e o quarto, dos anos 60 até hoje, é o da implantação da Lingüística nos cursos de Graduação em Letras, bem como o do estabelecimento de cursos de Pós-graduação em Lingüística na USP, em 1966, e na UNICAMP, em 1971. Interessam o terceiro e o quarto períodos, de modo especial, porque é neles que o autor situa o aparecimento e a posterior implantação da Lingüística nos cursos de Letras. A Lingüística, provavelmente porque estabeleceu um objeto de estudo estável e um método próprio, difundiu-se como a ciência da linguagem entre nós até que a percepção de que para se chegar à significação ou ao sentido eram necessários elementos que estavam excluídos do escopo dessa disciplina. Barros (1999), em *Estudos do texto e do discurso*, explica que enquanto os estudos de Saussure, para estabelecer o objeto da lingüística, separaram rigidamente a língua da fala, o lingüístico do extralingüístico, os que os seguiram no Brasil resgataram posições excluídas pela lingüística saussureana. Tal resgate passa pela ruptura de duas barreiras, a que impede a passagem da frase para o texto; e a que impede a passagem do enunciado para a enunciação. A autora cita Harris como exemplo do primeiro caso e as teorias pragmáticas em geral como exemplo do segundo. Harris, porque propõe o exame da estruturação global do texto, sem deixar de lado os pressupostos da teoria distribucional. A pragmática, porque, para relacionar o enunciado e a enunciação, recupera do extralingüístico elementos situacionais indispensáveis para a constituição do sentido do texto. Os estudos do texto e do discurso, por sua vez, têm a característica de analisar as relações entre discurso, enunciação e fatores sócio-históricos. Uma conseqüência significativa desses estudos é o fato de que a língua deixa de ser entendida como lugar de representação de significados objetivos. Ela passa a ser considerada como um modo de agir no mundo, como um instrumento de argumentação e de interação; o discurso (ou o texto) passa a ser concebido como unidade de sentido e tomado como objeto dos estudos lingüísticos; a relação entre interlocutores é considerada responsável pelo sentido e pela construção dos sujeitos produtores do texto; o discurso foi caracterizado como lugar do social e do individual; a linguagem foi definida pelo dialogismo em suas duas acepções, a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo que cada texto mantém com outros textos (ibid.). Essa diversidade caracteriza hoje os estudos da linguagem e, deles, a autora seleciona o que considera grandes linhas, diferenciando-as de acordo com a filiação teórica e os papéis

---

que assumiram no país. Assim, destaca a Análise de Discurso francesa, a Semiótica Narrativa e Discursiva, as várias teorias do discurso inglesas, os estudos funcionalistas do discurso, a Lingüística Textual, a Análise da Conversação e/ou análises da organização textual/interativa do discurso, e uma última linha que agrega estudos que dialogam com a Teoria da Literatura, a Semiologia, a Pragmática e a Semântica. A Análise de Discurso tem na UNICAMP seu principal núcleo, nos departamentos de Lingüística e de Lingüística Aplicada, sendo seguida pela Universidade de São Paulo; PUCs, em São Paulo, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro; Universidades Federais do Rio Grande do Sul e Fluminense; além de iniciativas isoladas em outras instituições federais, como é o caso da Paraíba, de Santa Catarina, Alagoas, Mato Grosso, Brasília e Juiz de Fora. Esses estudos podem ser agrupados em três grandes blocos, quais sejam, primeiro: estudos sobre o sujeito, a autoria, a interpretação e o sentido, o discurso e o acontecimento, a heterogeneidade discursiva, a noção de arquivo, ou as preocupações com a metodologia da análise do discurso; segundo: trabalhos teóricos sobre discursos específicos ou sobre aspectos pontuais dos discursos, tais como o discurso da gramática, do humor, dos missionários, da imigração, o discurso político, religioso e jurídico, o discurso pedagógico, o discurso naturalista, o funcionamento discursivo da disjunção em português, a norma culta na perspectiva da análise do discurso; terceiro: estudos sobre a realidade brasileira: significação e brasilidade, discurso público no espaço urbano, aspectos discursivos da análise de línguas indígenas, discursos missionários e literários sobre os índios e brasilidade, a História das Idéias Lingüísticas no Brasil, o discurso do e sobre os sem-terra, as formações discursivas dos docentes da rede pública de Porto Alegre. Os autores citados apresentam aspectos da produção do conhecimento histórico acerca da linguagem, tarefa semelhante a que me proponho na intenção de colaborar na constituição de um pensamento sobre a linguagem no Brasil, tendo como objeto a escrita teórica elaborada pela Análise do Discurso, sem perder de vista de que não se trata de uma visão totalizante ou independente de história, mas de algo que dá lugar à releitura, a diferentes teorias e à crítica em relação a essas teorias.

**Palavras-chave:** História das Idéias; metalinguagem; Análise de Discurso brasileira.

---

## REMEMORAÇÃO, COMEMORAÇÃO: PRÁTICA DISCURSIVA DE RECONSTITUIÇÃO DO IMAGINÁRIO URBANO

Maria Cleci Venturini (Doutoranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Enfocamos, neste trabalho, o discurso de rememoração/comemoração pela teoria do discurso. Dois pressupostos norteiam a nossa investigação. Primeiro, o discurso de rememoração/comemoração é institucional, e enunciação concretiza-se conforme a ordem do discurso a que está vinculada. Os sentidos materializados são sempre assujeitados ao já-lá do interdiscurso institucional e não apenas à forma-sujeito de uma formação discursiva. A matriz do discurso comemorativo é a recordação/rememoração de nomes ou eventos capazes de relacionarem o passado, o presente e o futuro como tempos tridimensionais. Trata-se do 'discurso de', a partir do qual se sustenta e se legitima o discurso 'sobre' - discurso de comemoração. Apesar de o passado ser a fonte da comemoração, é o presente que determina a interpretação. Diante desses dois pressupostos, nossa questão é: quais as estratégias discursivas que institucionalizam e sustentam a constituição, a formulação e a circulação do discurso comemorativo da cidade de Cruz Alta sobre Érico Veríssimo? Para tanto, trabalhamos com um *corpus* de arquivo. Buscamos, no discurso de rememoração/comemoração da cidade de Cruz Alta 'sobre' Érico Veríssimo, textos que nos ajudem a responder à nossa questão de pesquisa. Trata-se de textos advindos da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), da Fundação Érico Veríssimo (museu), do Poder Público Municipal e da mídia. O espaço temporal recortado vai de 1969 – ano de criação do museu – a 2006. Destacamos exemplares do discurso relativos ao centenário de Érico Veríssimo porque neles retornam enunciados/textos anteriores, pertencentes ao mesmo discurso e também a outros, que funcionam como textos fundadores. Eles trazem para a atualidade sentidos institucionalizados que, pelo interdiscurso, funcionam como pré-construídos, como o já-dito, já-lá que faz parte do discurso, como memória discursiva. Há entre eles distanciamentos e as aproximações que mostram a 'rememoração' e a 'comemoração'

---

como movimentos contraditórios e complementares. De um lado, a rememoração funciona como a atualização de uma memória para lembrar, destacar o que em relação a ela ainda faz sentido na formação social. A comemoração realiza dois movimentos: prioriza a recordação e a atualiza, por meio de ritos que celebram e comemoram, encaminhando para o devir para um novo discurso comemorativo. De outro lado, rememoração e comemoração relacionam-se: um movimento traz o outro por consequência. Para estabelecer esses distanciamentos e aproximações, buscamos a teorização em Davallon (1993), para quem a rememoração aproxima-se da recordação de fatos do passado, vistos como história. A comemoração retoma o passado, transformando-o em acontecimento sócio-político, que se inscreve, por meio de rituais, na atualidade, como acontecimento, nos termos de Pêcheux (1983, 2002) como o ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade. Neste sentido, o discurso da cidade de Cruz Alta ‘sobre’ o escritor o rememora e comemora, dando visibilidade a traços que identificam a cidade pelo trabalho da memória, da língua na história. Nosso objeto de pesquisa é o discurso comemorativo da cidade de Cruz Alta ‘sobre’ Érico Veríssimo. Esses discursos realizam como prática discursiva e reconstituem o imaginário urbano. A base dessa reconstituição realiza-se pelos laços identitários constituídos em torno da cidade e de Érico Veríssimo. Este último é o objeto desse discurso que se formula a partir de dois desejos que se complementam e se contradizem: o desejo de trazer do passado para o presente um Érico que engrandece a cidade e o desejo de esquecer o passado em função de um novo tempo, de um movimento para o futuro, para a modernidade. O primeiro movimento caracteriza-se pela volta ao passado. O Érico Veríssimo nascido em Cruz Alta faz parte da história da cidade, assim como faz parte dessa história a casa em que ele nasceu – identificada como ‘casa do século passado’. Essa volta ao passado é visibilizada no eixo da formulação nas palavras de ordem, nos emblemas e nos símbolos, especialmente nos discursos de comemoração. Nesses discursos o nome do escritor é vinculado à história, por meio de enunciados como *Érico Veríssimo: cem anos de história*, e ao passado, com o enunciado *Para lembrar é preciso preservar*. Isso ocorre porque a casa centenária – como é chamado o museu – faz parte da arquitetura e da história da cidade. A ‘casa de Érico Veríssimo’ em Cruz Alta – o museu – é, além disso, um momento arquitetural, porque exemplifica os modelos de casas da época e os

---

modos de viver de determinados grupos sociais. Faz parte da história porque mantém traços da vida do escritor e sustenta o fato de que ele é 'filho de Cruz Alta'. Há dois elementos desencadeadores do discurso 'de' e também do discurso 'sobre'. Primeiro: o escritor é conhecido além das fronteiras da cidade e, ao tornar-se um nome digno de ser comemorado, tornou a cidade, pelo processo de identificação, também conhecida. Cruz Alta, enquanto cidade, não se diferenciaria das demais cidades se não fosse designada como a 'terra de Érico Veríssimo' e, também, se não fosse vista por muitos como uma das cidades imaginárias que fazem parte das obras do escritor. Entendemos que o discurso 'sobre' com o qual trabalhamos têm como fundo as recordações, as lembranças, mas também o movimento da memória histórica em torno de um presente, das novas demandas da realidade do espaço social da cidade e também dos seus entornos. A comemoração desloca o objeto comemorado, relacionando-o ao gesto comemorativo - ilusoriamente 'voluntário' - que atende aos desejos da formação social em torno de uma pessoa ou evento, que os completa. Esse desejo é seletivo e mostra uma relação de devoção que envolve os sujeitos/cidadãos e o alvo do seu desejo. Essa relação de devoção resulta mais do desejo de ser 'igual a' do que de uma intenção pragmática. A comemoração é temporalizada e espacializada. Não consiste em um convite de retorno ao passado: é o próprio gesto de retorno. Ancora-se no repetível, que é da ordem da memória do saber. A reiteração manifesta o grau de envolvimento e do devotamente da formação social em relação ao objeto da comemoração. Enfim, o gesto comemorativo revela as regularidades da memória urbana e dos valores a serem consagrados a partir dos discursos veiculados, especialmente na mídia. Esses valores recorrentes na formação social são maiores e mais consistentes do que mostra a publicidade e os discursos que os fazem circular. Se não fosse assim, a memória histórica extinguir-se-ia juntamente com os sujeitos urbanos. Não se sustentaria. Os textos publicitários relacionados à comemoração garantem a conversão de uma lembrança em uma causa comum, em reminiscência singular de uma celebração compartilhada. O seu objeto e o que diz respeito a ele passam da ordem do privado por esse gesto para o domínio público. No discurso de comemoração da cidade 'sobre' Érico Veríssimo percebe-se que o vivido por ele passou a ter mais importância até do que as suas obras literárias. No museu – como lugar de memória – a manutenção de muitos objetos da ordem

---

privada (álbuns de fotografias, fotos com os filhos e a esposa, objetos pessoais – boné, óculos, etc) fazem parte de um discurso anterior – que chamamos de discurso de rememoração. No ano do centenário, as pessoas buscaram saber da sua vida privada - os seus namoros, a casa, os filhos, os seus sonhos e os seus problemas, reservando espaço menor aos fatos de ordem pública. Mesmo assim, a sua obra foi destaque, especialmente o **Tempo e o Vento**, que funciona, nesse discurso, como um lugar de memória, porque assim como o museu, traz para a atualidade o que é sabido, do conhecimento de todos e que permite ler o discurso da cidade em sua totalidade, sem ser linear e opaco. Um dos procedimentos para trazer o passado para a atualidade pelo rito comemorativo é a citação, a reconstituição e a repetição que funcionam como traços, segundo Nora (1983), que atualizam pontos em comum entre os três tempos: passado, atualidade e futuro. O passado, no ato comemorativo, nunca volta igual. A atuação do sujeito afetado pelo social (ideologia) e pelo inconsciente (Psicanálise), de acordo com Pêcheux, e também pelo saber e pelo poder, segundo Foucault, faz com que o discurso resulte da requisição e da atuação do passado como instrumento de fazer-memória pela (re)significação, apontando para o deslize, para a falha, portanto para o movimento da memória histórica. Entendemos o discurso 'sobre' - objeto de nossa reflexão - a partir do início das comemorações - como acontecimento que relaciona o passado e o presente, a memória e a atualidade. Rompe com a memória estabilizada e, ao fazer isso, possibilita novos sentidos, uma nova memória em cada nova formulação. O discurso que antes parecia saturado, sem lacunas, torna-se fortemente lacunar, porque o sentido desliza, divide-se, transforma-se, (re)significando-se como memória discursiva. A rememoração e a comemoração trazem para a atualidade os valores do objeto da comemoração, os quais entram para o discurso e passam a representar a formação social. A posição-sujeito do discurso é a materialização do desejo de completude, já que a falta é constitutiva deles. O lugar do interlocutor advém da reversibilidade das posições, uma vez que ao falar o sujeito constitui o outro imaginário e é por ele constituído. Os dois lugares que podem ser ocupados pelo sujeito no discurso têm forte relação com o desejo, que o movimenta, o impulsiona e o mantém. Não é satisfeito porque é desejo, mas atende às demandas da cidade de continuar sendo 'a terra de Érico Veríssimo', enquanto ele continuar sendo discursivizado como 'filho desta terra, cidadão de todos os continentes e a maior herança

---

cultural a ser dividida com todos', enunciados que resumem o escritor na cidade e o ligam a ela pela aproximação identitária.

**Palavras-chave:** rememoração/comemoração; imaginário.

## **O DISCURSO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA**

Mary Neiva Surdi da Luz (Doutoranda)

Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Este trabalho objetiva analisar o discurso de professores de língua portuguesa, egressos de uma universidade periférica, com a finalidade de desvelar como se dá a constituição identitária desses sujeitos e como, no dizer, revelam-se os discursos oriundos de diferentes espaços de formação. Partimos da idéia de que o ser humano distingue-se dos outros seres pela capacidade de usar a linguagem para fins de comunicação e interação. Também é ele quem tem capacidade de ensinar e aprender as línguas, de pensar e de repensar nas formas de escolarização do trabalho lingüístico, nas diversas facetas envolvidas no processo de ensino/aprendizagem. Nesse contexto, o ensino de língua portuguesa, a formação do professor e a análise do cotidiano escolar são temas que cada vez mais chamam a atenção e ganham espaço no campo de pesquisa acadêmica, pois são pontos de referência para as reflexões sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa como língua materna e sobre como se dá a constituição identitária do sujeito professor. Em relação ao ensino de língua portuguesa, os trabalhos de Benites (2006), Albuquerque (2006) e Oliveira (1998, 2006), entre outros, são significativos e referência para a construção deste projeto, que parte da constatação de que o discurso do professor de língua portuguesa revela as faces de um sujeito heterogêneo. Os resultados desses trabalhos indicam um quadro antagônico, pois o professor de língua portuguesa assume um discurso inovador, conectado às atuais discussões provenientes das ciências lingüísticas, sobretudo da Sociolingüística, Lingüística Aplicada, Lingüística Textual e Análise do Discurso, e, por outro lado, ao se confrontar as falas dos professores às suas práticas, por meio de observações, da análise de cadernos ou de aplicação de

---

questionários aos alunos, o que se observa é a manutenção de uma prática conservadora. Os professores revelam um conhecimento teórico consistente sobre a concepção de língua como enunciação e discurso e afirmam partir do texto para trabalhar a língua. Tais conhecimentos foram estudados durante sua formação inicial, nos cursos de Licenciatura em Letras ou em cursos de capacitação oferecidos pelos municípios e Estados. No entanto, muitas de suas práticas retomam ou reforçam o ensino prescritivo de língua, priorizando a língua como sistema e tomando o texto como pretexto. Oliveira (2006) aponta que essa prática é decorrente da organização dos conteúdos e ementários em vigor nas grades curriculares dos Cursos de Letras. O que se depreende é que o professor ainda tem uma formação prescritiva e está inserido em um contexto que exige um ensino produtivo. Essas constatações são apresentadas em trabalhos de pesquisas desenvolvidos pelos autores citados acima e também são recorrentes nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Estudos Lingüísticos e Literários da Unochapecó (Universidade Comunitária Regional de Chapecó-Chapecó/SC), que há seis anos investiga o estado da arte do ensino de língua portuguesa em diversas redes e níveis de ensino por meio de projetos financiados, pesquisas de conclusão de curso e monografias de especialização. Partindo-se da referência que a Unochapecó, por meio do Curso de Letras, tem formado professores que atuam no ensino de língua portuguesa há 16 anos; que esse curso passou por várias alterações curriculares e conceituais; e que parte desses egressos atuam no ensino, torna-se pertinente nessa conjuntura tornar esses egressos sujeitos de uma nova pesquisa. A partir desse quadro, tem-se como questão de pesquisa: qual o discurso do professor de língua portuguesa, egresso do Curso de Letras da Unochapecó, sobre as suas concepções teóricas e suas práticas? A partir dessa questão objetiva-se desvelar, por meio da análise de discurso, como o sujeito professor tem constituído sua identidade e como tem se apropriado das mudanças didáticas e pedagógicas que norteiam o ensino de língua portuguesa. Para constituir nosso objeto de análise, colocaremos em ação o exercício de escuta e entrevistaremos professores de língua portuguesa. Os professores sujeitos deste trabalho serão profissionais que atuam em escolas da rede estadual de ensino de Santa Catarina, em municípios que compõem a Gerência de Educação, Ciência e Tecnologia Chapecó/SC. A entrevista será composta por um conjunto de questões, enunciadas em forma de pergunta, tendo

---

como objetivo ouvir o que o professor tem a dizer sobre o seu fazer em sala de aula, sobre a sua formação e sobre o que é ser professor de língua portuguesa. Para proceder à leitura e interpretação desses discursos, tomaremos como aporte teórico a análise de discurso. Orlandi (1992) afirma que a Análise do Discurso de vertente francesa (AD) ajuda a compreender como se dá a produção de sentidos, como os sujeitos articulam discursos que se relacionam às formações discursivas (FD) que, por sua vez, inscrevem-se em formações ideológicas. Segundo a autora, “na Análise do Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho geral, constitutivo do homem e da sua história” (2005, p. 15). Assim, a AD trabalha com a língua no mundo, com as maneiras de significar, e não com a língua enquanto sistema. Leva em conta o homem na sua história, considerando as condições de produção da linguagem, e que a linguagem não é transparente. Objetiva compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para os sujeitos. Considerando essas poucas idéias apresentadas, já se pode perceber que a AD é uma excelente ferramenta para analisar o discurso do professor de língua portuguesa, procurando-se, nos fios do discurso, como se constituem os sentidos do dizer. O sentido do que é dito é determinado pelas posições ideológicas colocadas em cena no processo de produção. Daí a noção de formação discursiva como fundamental para a compreensão do processo de produção dos sentidos. A formação discursiva define-se como “aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2005, p.43). Para Orlandi, na Análise de Discurso não vigora a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo, ainda que o sujeito discursivo seja pensado como posição entre outras: “não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ibid., p.49). Um bom exemplo para entender isso é perceber que os sujeitos são intercambiáveis, ou seja, um mesmo indivíduo assume-se como diferentes sujeitos em diferentes formações discursivas. Quando uma mulher fala da posição de mãe, ao questionar seu filho sobre o horário de chegada (Isso são horas?), o sentido do enunciado é construído a partir da posição de mãe assumida. “Podemos até dizer que não é a mãe falando, é a sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso significa. Isso lhe dá a identidade, uma identidade relativa a outras, por exemplo, na posição de professora,

---

de atriz, etc” (ibid., p.49). Nesse sentido, pode-se dizer que os professores de língua portuguesa são sujeitos que assumem suas identidades em função das diferentes formações discursivas em que estão inscritos. Também se observa que o professor de língua portuguesa é um sujeito que vive um conflito: está entre o tradicional e o novo. Coracini (2003) aponta que a identidade se forma ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes. Ela permanece sempre incompleta, sempre em processo, em ‘(trans)formação’ [grifo nosso]. Toda a identificação só acontece porque encontra alguma resposta no interior do sujeito. “É preciso entendê-la não como resultado de uma plenitude ou da completez ilusória de um sujeito indiviso, mas de uma ‘falta’: falta de inteireza que procuramos preencher sem jamais conseguir, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros: sei quem sou em relação com o outro que eu não posso ser” (ibid., p.243). A autora chama atenção para a hipótese de que o professor seja atravessado por uma multiplicidade de vozes que tornam sua identidade complexa, heterogênea e em mudanças, sendo que só é possível capturar momentos de identificação.

**Palavras-chave:** análise de discurso; professores de língua portuguesa; constituição identitária.

### **PANAMERICANA: A EMERGÊNCIA DE PROCESSOS DE RESISTÊNCIA-REVOLTA-REVOLUÇÃO(?) EM LUTAS POPULARES DA AMÉRICA LATINA.**

Maurício Beck (Doutorando)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

A proposta deste projeto é analisar o discurso de três lutas populares da América Latina tendo como base teórica a Análise de Discurso iniciada pelo coletivo de intelectuais em torno de Michel Pêcheux na França de 1960. Tendo em vista o contemporâneo declínio das meta-narrativas marxista-leninistas, hegemônicas nas esquerdas desde o início do século XX, o conceito de ideologia revolucionária/dominada ficou em suspenso no interior da teoria geral das ideologias, arcabouço teórico da Análise. O objetivo específico é a análise dos enunciados do Exército Zapatista de

---

Libertação Nacional (EZLN) do México, das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo (FARC-EP) e da Via Campesina/Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) do Brasil acerca dos seus 'meios' e 'fins', ou seja, a análise: das formulações de cada uma dessas lutas populares em torno da mobilização, organização, atuação social e política, táticas e estratégias propostas como 'meios' necessários ou pertinentes para se alcançar determinados 'fins'; das formulações em torno dos 'fins' visados, seja ela revolução socialista, reforma radical ou insurreição; e, sobretudo, das formulações que articulam os 'meios' e os 'fins', o que passa pela questão da justificação desses discursos e da sua capacidade de mobilizar multidões e de incitar o engajamento nas lutas. Em uma segunda etapa, investigar o efeito de sentido dos discursos das lutas populares em relação à sua base de apoio externa, simpatizantes, sociedade civil, ONGs, redes de mobilização, entre outros. O objetivo é trabalhar a deriva dos sentidos dos enunciados que atualizam o 'espectro do irrealizado' no cotidiano dos apoiadores e simpatizantes das lutas populares, e não dos integrantes destas, porque o foco de interesse está na emergência dos processos de resistência-revolta-revolução(?) para além das fronteiras regionais/nacionais destas lutas. O estudo dos processos de resistência-revolta-revolução(?) em lutas populares da América Latina será embasado nos conceitos da Análise de Discurso (AD) que se mostrarem pertinentes para a descrição e interpretação das formulações, textos e enunciados do *corpus*. O trajeto da análise que parte das formulações de projetos revolucionários em direção aos enunciados do cotidiano político das lutas populares, tem como intuito trabalhar a tensão e as contradições no interior mesmo das ideologias dominadas em processo de constituição. Vale lembrar que essas contradições são incontornáveis para os projetos revolucionários, visto que não há, para Pêcheux, um 'germe revolucionário independente, puro ou exterior'. Por conseguinte, estudar as contradições dos discursos e ideologias é estudar sua própria constituição e modo de funcionamento. Segundo a perspectiva teórica de Pêcheux e Althusser, não se pode conceber duas ideologias: ideologia dominante e ideologia dominada, uma exterior a outra. Pelo contrário, é do interior da ideologia dominante, a partir de suas contradições internas, seja no interior dos aparelhos ideológicos de Estado, seja sob as práticas disciplinares de individualização presentes no cotidiano de todos, que as ideologias dominadas constituem-se. O estudo do 'ordinário do sentido'

---

possibilita analisar os processos de resistência-revolta-revolução sem recair na concepção da excepcionalidade de uma vanguarda leninista contraposta à cegueira das classes dominadas que supostamente não inventariam nada, imersos que estariam na 'obscura luta cotidiana'. Por processos entendo não um percurso com etapas sucessivas e teleológicas determinadas pelas leis (objetivas) da História, mas fenômenos relativos às dinâmicas das lutas populares no decorrer do tempo histórico. O estudo da História, como ressalta Pêcheux, não é uma ciência objetiva, é uma disciplina interpretativa. Por conseguinte, não há necessariamente, na sucessão linear resistência-revolta-revolução, nenhum *télos* materialista ou resolução dialética. Todavia, pode-se entender essa sucessão em termos de relação e distribuição de forças, de posição e de ação (de afrontamento) em relação às forças antagônicas. A problematização se dá em torno da 'heterogeneidade interna' das lutas populares estudadas, e não mais em torno da questão da importação da teoria do exterior, embora se possa pensar na retomada de saberes e ideários revolucionários inscritos na memória política dos grupos implicados na luta. A questão da fusão ou fissão da ciência do materialismo histórico com o movimento operário dá lugar ao estudo das ideologias dominadas no plural, como observa Pêcheux. A multiplicidade ou heterogeneidade ganha importância no estudo do 'movimento do real' (Marx). O ponto de partida para constituição do *corpus* será as formulações das FARC, MST/Via Campesina e EZLN que busquem explicitar a articulação/justificação entre meios empregados (as estratégias) e os fins visados (o irrealizado). A segunda etapa da análise exige um delineamento e uma delimitação dos discursos mais precisa, a ser desenvolvida no percurso do trabalho. O recorte a ser feito depende de escolhas que só poderão ser tomadas após um maior contato (e confronto) com a materialidade discursiva em questão. Os discursos do cotidiano de grupos de apoiadores civis, de simpatizantes das lutas populares, ainda que extremamente heterogêneos, muitas vezes se mesclam e transcendem as fronteiras nacionais de cada uma dessas lutas. O objetivo é trabalhar as materialidades discursivas nas relações que essas entretêm com o cotidiano, no 'ordinário do sentido'. Dessa maneira, a questão da 'irrupção do irrealizado', a constituição das ideologias dominadas, será mais bem compreendida, pois estará dando prosseguimento às propostas de Pêcheux. De certo modo, o objetivo é retomar uma discussão político-filosófica do final do século XX: os discursos emancipatórios com pretensões universais

---

realmente esgotaram-se e perderam sua eficácia em engajar as massas para a luta política? No quadro teórico da Análise de Discurso, essa mesma problemática repercutiu por meio da crise teórica dos anos de 1970, das análises de discursos que traziam à tona o heterogêneo e ressaltavam a desestabilização dos sentidos no decorrer dos acontecimentos históricos. O presente projeto tem o intuito de, ao confrontar a teoria com a prática (os discursos das lutas políticas da atualidade), buscar entender como se dá a 'irrupção do irrealizado' em uma época onde a unidade é radicalmente fissionada por um mundo marcado pela heterogeneidade.

**Palavras-chave:** ideologia; discurso; processos de resistência-revolta-revolução.

## **MEMÓRIAS DE UMA GRAMÁTICA SUL-RIOGRANDENSE DO SÉCULO XX.**

Susana da Silveira Gonçalves (Doutoranda)  
Amanda Eloina Scherer (Orientadora)

Ingressamos no curso de Doutorado em Letras, na Universidade Federal de Santa Maria, apresentando como requisito parcial o projeto de pesquisa intitulado **Memórias de uma gramática sul-riograndense do século XX**, inserindo-o no projeto **Linguística e História Literária no Sul: estudos das idéias e organização da memória**, desenvolvido no Laboratório Corpus, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A linha de pesquisa a que pertence nosso projeto denomina-se História das Idéias Linguísticas. Nos estudos vinculados a essa linha de pesquisa, aproximaram-se as disciplinas Linguística, História e Psicanálise em um tal entrelaçamento que culminou em um novo tipo de saber, a que se denominou Análise de Discurso e que teve como fundador, em sua gênese francesa, Michel Pêcheux. O objeto de estudo de nossa pesquisa são as idéias linguísticas de um autor de gramáticas e de dicionários, Celso Pedro Luft (1921-1995). Nosso *corpus* compõe-se do **Guia Ortográfico** (1954), uma de suas primeiras publicações, da **Gramática Resumida** (1960), da **Moderna Gramática Brasileira** (1974) e de **Língua e Liberdade** (1985), uma de suas últimas

---

publicações. Todas as obras de Celso Pedro Luft foram publicadas no Rio Grande do Sul. Objetivamos responder, com o desenvolvimento de nosso trabalho, às seguintes questões de pesquisa: de que modo a constituição e a institucionalização dos saberes rotulados, normalmente, como científicos, acadêmicos e pedagógicos, a respeito da linguagem, afetaram o sujeito Celso Pedro Luft nas diferentes posições que ocupou como aluno, professor e autor de materialidades destinadas ao ensino-aprendizagem da língua materna?; e, como foi constituída e instituída a história das idéias constantes nas obras de Celso Pedro Luft? Os conceitos teóricos mobilizados por nós encontram-se veiculados, principalmente, nas obras dos seguintes analistas: Michel Foucault, Michel Pêcheux, Sylvain Auroux, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi. Outros teóricos também terão espaço em nosso trabalho. Ei-los: Karl Marx, com seu revolucionário Materialismo Histórico; Lucien Febvre e Marc Bloch, que fundaram a revista *Les Annales d'Histoire Economique et Sociale* (1929) e muito contribuíram com suas reformulações conceituais, o que propiciou o desenvolvimento da História das Mentalidades; e Louis Althusser, a quem solicitamos o empréstimo de suas concepções sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Assim, à medida que leituras vão enriquecendo nosso olhar sobre os dispositivos mobilizados para análise, tornamo-nos cientes de que o sujeito-autor se relaciona ao saber mediante sua determinação a condições históricas, sociais, ideológicas. Esperamos que o estudo das condições de produção – as políticas estatais, sociais, econômicas e também lingüísticas, e as instituições estatais, educacionais e editoriais – a que se expôs CPL nos ajudem a dar sentido às suas concepções a respeito da descrição e do ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Metodologicamente, estamos seguindo o seguinte percurso: levantamento de aspectos teóricos, de teorias lingüísticas ou não e de contribuições que sejam pertinentes aos nossos objetivos; levantamento de dados relativos a Celso Pedro Luft, tais como: nascimento, infância e adolescência, formação acadêmica e atividades docentes, publicações e apresentação do próprio autor a respeito de seus escritos, e referências feitas a ele. Estabelecidas essas primeiras considerações, vamos apresentar algumas considerações sobre nossa abordagem metodológica, enfocando, como exemplo para tal, Sylvain Auroux (1992). Segundo ele (*ibid.*), os trabalhos que utilizam a metalinguagem para historiar podem ser classificados em três categorias: a) os que se voltam para a

---

pesquisa empírica; b) os homogêneos à sua prática cognitiva; e c) os que procuram os fundamentos para validar um estudo contemporâneo. As duas primeiras são consideradas pelo autor como factuais, e a terceira, como epistemológica. Na nossa pesquisa utilizaremos as três categorias, distinguindo-as ou agrupando-as, o que vai depender do fato lingüístico que estiver sendo abordado e do conhecimento que estiver sendo construído. Assim, se formos utilizar a metalinguagem para fazer referência a fatos lingüísticos, podemos, por exemplo, a) utilizar a metalinguagem para apresentar a história factual da Fonologia: os trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga e as teorias de Nicolai Troubetzkoy e de Roman Jakobson, o que classificaria esse saber na primeira categoria; b) apresentar a etimologia de termos como fonologia, fonética, fonêmica, procurando-lhes as analogias, as oposições, as modificações sofridas tanto em relação ao significante quanto ao significado, saber esse que pertenceria à segunda categoria; e c) tomar a nasalidade de palavras da língua portuguesa e mostrar que em algumas apresenta valor distintivo, assim como se estabelecia oposição, em latim, na primeira conjugação, entre o nominativo singular e o acusativo singular, trabalho esse que se classificaria na terceira categoria. Outro exemplo que podemos citar é o dos três princípios citados pelo mesmo autor (ibid.). O primeiro – o da ‘definição puramente fenomenológica do objeto’ – diz respeito ao objeto de estudo. Auroux declara não concordar com a metodologia que diz ser necessário para historiar uma ciência, definir e conceituar a priori o objeto de estudo. Para ele, o objeto será construído à medida que se formarem os saberes sobre ele. O segundo – o da ‘neutralidade epistemológica’ – diz-nos que não é possível abordar o objeto estabelecendo regras ou normas, declarando a cientificidade disto ou daquilo. O saber, como um produto histórico, resulta de interações constantes entre o contexto e a tradição. Assim, não há por que tratar da mesma maneira fenômenos lingüísticos situados em espaços e/ou momentos diferentes. Por isso, Auroux (ibid.) diz que, para ele, a palavra ‘ciência’ só pode ser usada como normativa na linguagem-objeto, uma vez que na metalinguagem é apenas uma palavra descritiva. Já o terceiro – o do ‘historicismo moderado’ – resulta do valor do realismo metodológico adotado, uma vez que concede autonomia aos fenômenos, em sua existência e em relação a este saber. Assim, estabeleceremos nossas considerações falando também sobre a origem e a importância das gramáticas. Segundo Auroux (ibid.), estes dois temas, escrita e gramatização, são como

---

duas teses, as quais o autor sustenta na sua obra **A revolução tecnológica da gramatização**, publicado pela Unicamp e traduzido no Brasil pela Profª Dr. Eni Orlandi. Na primeira tese, sustenta que, ao longo de um processo de desenvolvimento da escrita e a partir de textos que foram sendo escritos, iniciaram-se as reflexões sobre a linguagem. Na segunda tese, trata do fato de terem sido produzidos dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo, e não somente dos vernáculos europeus, na base da tradição greco-latina. Tal fato, diz ele, deu ao Ocidente um meio de conhecimento/dominação sobre as outras culturas do planeta. A esse movimento Auroux (ibid.) denomina gramatização e o considera uma grande revolução tecnológica, cuja importância nivela à da revolução agrária do período Neolítico e à da revolução industrial inglesa no século XIX. Conseqüentemente, de cada um dos temas dessas teses resultou uma grande revolução tecnológica, sendo a primeira a da escrita, a que Auroux vai relacionar também a da imprensa, e a segunda, a da gramatização.

**Palavras-chave:** gramática; condições de produção; lugares.

## **SURDEZ: SUJEITO, LÍNGUA E SENTIDOS.**

Themis Maria Kessler (Doutoranda)  
Amanda Eloína Scherer (Orientadora)

A Fonoaudiologia é uma ciência que estuda a linguagem e a toma como objeto de estudo sob o ponto de vista clínico. Dentro do quadro epistemológico no qual esta área do saber está inscrita, a compreensão da linguagem é determinada pelo raciocínio clínico. A base que sustenta esse raciocínio considera a linguagem como uma capacidade humana que tem suas possibilidades de desenvolvimento ligadas ao funcionamento fisiológico dos corpos e do indivíduo nos seus aspectos bio-psico-sociais, fortemente alicerçados no suporte biológico. Assim compreendido, o desenvolvimento da linguagem humana está inserido em um padrão de desenvolvimento considerado normal. Portanto, na prática clínica este é o parâmetro mais forte para se compreender os comportamentos verbais que divergem do que é esperado como normal. A partir da via da 'naturalização' entre o ouvir e o falar, em

---

que falar significa 'ter linguagem', concentra-se a aceção de que o 'normal' é falar, isto é, o normal é exercer suas possibilidades de linguagem por meio de uma língua de modalidade oral, tanto por esse aspecto da naturalização, quanto pelo fato das relações estabelecidas com a noção de maioria – a maioria ouvinte. No que se refere às crianças surdas, o viés biológico da falta de audição é o fator predominante que determina a orientação do pensamento clínico e o direciona para o entendimento de que ocorre um prejuízo aos indivíduos, limitando suas possibilidades de adquirir e desenvolver sua inserção no simbólico pela exposição espontânea a uma língua de natureza auditivo/oral. No entanto, considerar apenas as possibilidades de compreensão das condições de acesso ao simbólico, por meio do viés biológico auditivo, não parece ser um critério suficiente. Na intrincada rede de relações que atuam na aceitação de tal concepção de possibilidades de acesso à linguagem, há importante contribuição dos estudos lingüísticos, especialmente os referentes à aquisição da linguagem. No que diz respeito à Fonoaudiologia, o aspecto mais saliente em relação à concepção de linguagem é o fato de que é compreendida como transparente, livre de equívocos, com sentidos colados às coisas do mundo. Ao lado dessa concepção, a função comunicativa da linguagem está, a partir de sua constituição, impregnada do sentido de língua como instrumento de informação. Nessa direção, interessa à Fonoaudiologia, grosso modo, considerar a língua como sistema de signos com suas regras formais a serviço da informação e da comunicação. Em uma alusão simplista, a tarefa clínico-terapêutica concentrar-se-ia no fato de que o fonoaudiólogo atuaria como um facilitador desses processos de acesso ao desenvolvimento da língua(gem), no qual a língua é vista como um código e instrumento da linguagem. Embora trabalhe na/com a língua, ela não é o objeto de estudo da Fonoaudiologia. Um tal entendimento de linguagem poderia levar a crer que, sendo a língua transparente e a serviço da capacidade de transmitir informações, a clareza na transmissão das mensagens deveria ser garantida, para que nenhuma alteração se constitua em 'ruídos', prejudicando a compreensão do que foi transmitido. Esta tarefa caberia ao fonoaudiólogo, colocando seu conhecimento a serviço de estudar e 'aperfeiçoar os padrões de fala, voz, fluência, audição, leitura e escrita', deixando, assim, o 'indivíduo' apto a se comunicar. Assim, tendo como base de compreensão o pressuposto de que a audição é o principal meio de acesso ao desenvolvimento da linguagem, a partir de uma língua oral, e de que

---

a possibilidade de atuar no mundo se dá por meio do exercício da linguagem, há, na Fonoaudiologia, o estabelecimento da inter-relação da audição como condição prévia à linguagem. A partir disso, desenvolvem-se estudos científicos visando à aplicação clínico-terapêutica na área médica e fonoaudiológica. Esses pressupostos estão na base da atuação terapêutica nos chamados retardos ou distúrbios de linguagem na Fonoaudiologia de uma forma geral. Entretanto, abordar tema tão complexo requer que sejam delimitados ângulos de abrangência e, portanto, neste estudo vamos nos ater a um deles, qual seja, o da relação da linguagem com a surdez. Para isso, julgamos ser importante situar como concepções de linguagem e de surdez traduzir-se-iam em 'métodos', propostas ou filosofias de trabalho com crianças surdas nos campos da educação de surdos e da fonoaudiologia, pois as propostas de atuação são interligadas. Assim sendo, conhecê-las possibilita uma compreensão de como os efeitos dessas práticas – na Fonoaudiologia e na Educação, estão presentes na constituição do sujeito surdo, uma vez que esta se dá pela/na relação da/na linguagem com a história e a ideologia, em uma perspectiva discursiva para a qual dirigimos este estudo. Pensando a relação entre linguagem e surdez, a língua é a questão sob qualquer ângulo de mirada, no que é dito e no que não é dito. No que é dito com a 'língua' e no que é dito na/sobre a língua que não fala com a 'língua'. A iminência da falta da língua faz com que sejam abaladas as possibilidades de constituir-se como sujeito da linguagem, situando o surdo como um 'sem língua' e um 'sem audição'. Diante dessa condição, cabe à família, no "efeito imaginário de ser o dono do seu dizer" (Pêcheux, 1997, p.163), fazer a 'escolha' sobre qual modalidade de língua a criança surda será exposta para desenvolver a necessária linguagem. Ou seja, tem-se a situação de que, nesse primeiro momento de vida do surdo, cabe à família fazer uma escolha entre línguas sem saber que é de língua que está se falando. A família diz 'fala', em uma relação em que fala é linguagem e muitas outras coisas também. Neste estudo, as perguntas estão sendo pensadas levando em consideração a relação que a família ouvinte constitui com o filho surdo, para compreender como essa significação é traduzida no momento em que devem fazer escolhas sobre o futuro deste filho. No caso do presente estudo, essas escolhas referem-se ao encaminhamento que buscam para os filhos em relação ao desenvolvimento da linguagem. As questões apresentadas frente à realidade da surdez nos filhos são apontadas

---

pelas mães, na cena da clínica fonoaudiológica, entre outras, a uma preocupação bem marcada direcionada às possibilidades de que os filhos 'falem'. Consideramos, pois, que refletir sobre a língua na relação da linguagem e surdez pelo discurso da família implica tentar compreender os movimentos de sentidos no processo de significação/(re)significação do filho a partir do evento da surdez. Por outro lado, compreender como surdez e a relação com a linguagem produzem sentido para mães ouvintes nos permitirá pensar o acontecimento da surdez como marca de significação em uma situação limite para a constituição de sujeito no/do discurso em seu processo de identificação pela/na língua. É, também, buscar uma outra forma de compreender a relação que se estabelece no processo clínico em linguagem e surdez na Fonoaudiologia, dando voz<sup>1</sup> ao sujeito. Para atender ao objetivo deste estudo, serão analisadas, discursivamente, narrativas de mães ouvintes a respeito da surdez a partir da experiência por elas vivenciada com seus filhos surdos. Trata-se de um estudo no qual o percurso analítico será desenvolvido a partir de um *corpus* experimental (cf. Courtine, 1981), composto de uma entrevista empírica com tema específico, realizada com mães ouvintes de crianças surdas, a fim de tratar de questões específicas relacionadas à surdez. Os procedimentos para a análise terão em consideração o que aponta Orlandi (2002) ao alertar que o objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista, o qual, em uma primeira fase de análise, irá trabalhar a superfície lingüística, o chamado *corpus* bruto, o dado empírico, de um discurso bruto, transformando-o em um objeto teórico, ou seja, um objeto lingüisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de realidade do pensamento, a ilusão da transparência da linguagem. A esse primeiro trabalho de análise encontra-se incorporada a noção de 'recorte', ou seja, o analista realiza um gesto de capturar nas situações discursivas que compõem o *corpus* bruto, fragmentos de linguagem-e-situação (Orlandi, 1996) onde seja possível chegar-se à representatividade das relações textuais postas em consideração com as suas condições de produção. Sendo o recorte nossa unidade discursiva, é dele que partimos para observar regularidades que irão caracterizar e possibilitar o entendimento do funcionamento da

---

<sup>1</sup> Não se trata aqui de voz no sentido literal, da fisiologia, da biologia, mas de espaço, de lugar de linguagem e no social.

---

linguagem na textualidade produzida em condições determinadas historicamente. Procedimentos analíticos desta natureza permitem compreender a mobilidade do dizer e dos efeitos de sentidos inscritos no texto em análise para além da superfície textual. O que está dito entra em jogo com o não-dito e também com o que está dito em outros lugares por um processo discursivo que se dá na inscrição do homem com o simbólico e a história. Com esta aproximação da Análise de Discurso de orientação pecheutiana, buscamos outras vias que permitam ampliar as maneiras de compreender as relações do sujeito com o simbólico para além do funcionamento dos corpos, reorientando possibilidades de transformação nos saberes que orientam as práticas clínicas em Fonoaudiologia na sua relação com a linguagem.

**Palavras-chave:** sentido; sujeito; língua.